

RELATO DE EXPERIÊNCIA - EIXO 2 - ENCONTROS E DESENCONTROS DO
SISTEMA DE SAÚDE COM OS SABERES E PRÁTICAS QUE VÊM DAS
MARGENS

**UNIVERSITÁRIOS INDÍGENAS E SAÚDE MENTAL: ESPAÇO DE CUIDADO
INTERCULTURAL NO SAPPE/UNICAMP**

Julia Floriano Zafalon Ponce (juliafzafa@gmail.com)

Erica Soares Assis (ericasa@unicamp.br)

Melissa Da Silva Santos (mesantos@unicamp.br)

Angelina Ferreira Luciano (a207243@dac.unicamp.br)

Shirlene Ferreira Luciano (s258157@unicamp.br)

Elivany Macario Avelino (e194025@dac.unicamp.br)

Genivau Carioca Laranhaga (g214026@dac.unicamp.br)

Karine Gabriele Matos Braga (k184684@dac.unicamp.br)

Geverson Rodrigues Rivas (g250301@dac.unicamp.br)

Kelvin Rudnik Francisco Campelo (k257470@dac.unicamp.br)

A presença de estudantes indígenas nas universidades tensiona estruturas historicamente marcadas pela colonialidade e epistemicídio, interpelando as instituições formativas a reconhecer e valorizar outros modos de existir e produzir conhecimento. Nesse contexto, o Serviço de Assistência Psicológica e Psiquiátrica ao Estudante (SAPPE) da Unicamp co-construiu, em diálogo com representantes do coletivo AIUN – Acadêmicos Indígenas da Unicamp, um

grupo semanal aberto e participativo. A proposta surgiu da demanda do coletivo por espaços de psicoeducação que cuidassem também das questões subjetivas, em formato acessível, sem barreiras burocráticas, permitindo que estudantes indígenas chegassem ao serviço acompanhados e em coletivo, em vez de buscar ajuda de forma isolada. As terapeutas se revezam na facilitação, de modo que os estudantes possam conhecer diferentes profissionais do serviço, aumentando a segurança caso necessitem de atendimentos individuais, ao mesmo tempo em que os profissionais têm a oportunidade de conhecer a realidade indígena em um espaço mais horizontal de encontro. As temáticas de cada encontro são escolhidas pelos próprios participantes para a semana seguinte, fortalecendo a autonomia do coletivo na condução das discussões. Outro aspecto central tem sido o compartilhamento de comida, prática fundamental em muitas culturas indígenas, que sustenta a criação de vínculos e fortalece o sentimento de pertencimento. O grupo tem se configurado como espaço de produção de vínculos e trocas de saberes, favorecendo a construção de confiança entre estudantes e serviço. A experiência evidencia a importância de deslocar práticas de cuidado de modelos verticalizados e silenciadores para processos dialógicos e horizontais, reconhecendo a pluralidade dos saberes e modos de vida, fomentando redes de cuidado orientadas pela justiça social e por práticas decoloniais. Conclui-se que iniciativas como esta ampliam o cuidado em saúde mental e funcionam como enfrentamento a perspectivas hegemônicas, abrindo espaço para coletividades, memória e futuros plurais na comunidade universitária e nos serviços públicos.

Palavras-chave: interculturalidade; saúde mental; universitários indígenas; decolonialidade.